

Bosques do Lenheiro - Além do estereótipo

Autores

Rafaela Cristina da Silva

Janaina de Oliveira

Erica Verissimo

Endrigo de Souza

Thais Prospero

Vivian Smanioto

Regiane Marques

Fernanda Claro

1. Introdução

O ser humano possui uma inquietação muito grande em entender a sua espécie e os assuntos relacionados a ela. Uma forma de compreender o homem é estudá-lo no ambiente no qual ele vive. O documentário permite olhares diferenciados sobre a realidade e, portanto, abre caminho para diversas percepções sobre o ambiente. No caso deste trabalho, realizado no sétimo semestre do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), o espaço escolhido é o Bosques do Lenheiro, um bairro carente localizado na região periférica norte de Piracicaba, estado de São Paulo. Sua população é cerca de seis mil habitantes, provenientes de áreas consideradas de risco, áreas verdes e famílias cadastradas pela Emdhap (Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba). Uma forma de conhecer melhor esse ambiente é dar-se conta das linguagens (verbal, visual, sonora etc) explícitas ou implícitas nele.

Todo espaço fornece informações através da linguagem que possibilitam interpretações diversas sobre ele. Contudo, o que definirá o grau de conhecimento que um indivíduo terá sobre determinado local é a forma de perceber os dados. “Informação não é uma ‘coisa’, mas uma relação estatística entre o que se conhece e o que não se conhece, entre o previsível e o imprevisível” (PIGNATARI, 1973, 47).

Nessa perspectiva, pode ser dito que percepção ambiental é informação ou imagem que se tem de um espaço. Porém, essa imagem pode ser entendida como espaço de informação ou lugar informado. O espaço de informação é aquele ambiente sobre o qual as informações de ordem política, econômica, social e cultural são vistas de forma homogênea como, por exemplo, favela. Esse conceito é abstrato e não dá conta de explicar as especificidades que a formam.

Um indivíduo pode dizer saber como se dá a vida em uma favela sem nunca ter estado em uma, contudo, esse conhecimento é limitado e não dá conta de explicar todo movimento que ocorre naquele espaço, nem permite o entendimento do código conciso utilizado pelos moradores. Quando se fala em favela, a imagem é de um local onde a violência e a miséria predominam. Assim, quando os moradores de Piracicaba ouvem o nome Bosques do Lenheiro, lhes vem a mente essa imagem.

A realização de um documentário sobre esse bairro permite romper esse estereótipo, ao transformar esse local de informação em lugar informado. Isso é feito a partir da fragmentação. Segundo Lucrecia D'Alessio Ferrara, para isso “é necessário ultrapassar aquela totalidade homogênea do espaço para descobrir seus lugares nos quais a informação se concretiza, na medida em que produz aprendizado e comportamento traduzidos nos seus signos: usos e hábitos” (1999, 153).

Assim, a fragmentação feita pelo documentário auxilia a obtenção de conhecimento mais profundo do ambiente. Pois quando a homogeneidade é ultrapassada, há a saída dos processos dicotômicos e o estabelecimento do pensamento relacional. Essa inversão é um esforço para entender o ambiente sobre novas perspectivas, nesse caso, o bairro Bosques do Lenheiro.

2. Objetivos

O objetivo principal do presente trabalho é mostrar que é possível um olhar diferente sobre um ambiente a partir da fragmentação do documentário. “Tal fragmentação, significa o método analítico: temos de desmontar o relógio para conhecê-lo, para saber como funciona” (GRECO, 1999, 19). Esse olhar pode revelar especificidades escondidas de um lugar, no caso deste trabalho, sobre o Bosques do Lenheiro. Nesse bairro carente, além da violência e da pobreza, existem “belezas” que são expressas na linguagem artística, como na dança e no artesanato. Além disso, a atividade possibilitou ao grupo vivenciar na prática todas as etapas da produção de um documentário.

3. Desenvolvimento

Para melhorar sua execução, a estrutura do documentário foi dividida em três partes. A primeira é um pequeno histórico do bairro, a segunda traz atividades culturais e a terceira, o que as pessoas esperam para o bairro nos próximos dez anos: expectativas e sonhos. Como não há o intuito de esconder as precárias condições de vida no Bosques do Lenheiro, não ocultamos imagens que demonstrem isso.

Na primeira parte entrevistamos o engenheiro civil Rudnei José Basseti, que fez o projeto do bairro, e a assistente social Célia Maria da Silva, que trabalha no bairro. Há também, nesse primeiro momento, algumas opiniões sobre a vida no local feitas por outras pessoas entrevistadas no decorrer do documentário. O morador do bairro Valberto Nelson de Souza, que integrou o movimento dos “sem-teto” que invadiu casas no Bosques, fala um pouco sobre a imagem negativa que as pessoas têm do bairro.

A segunda parte traz entrevistas com as mulheres que trabalham na Cooperativa Esperança em Arte e com os grupos de dança Meninas da Balada e Impacto Street Dance. E na última parte, algumas das pessoas entrevistadas dão declarações do que esperam para o bairro nos próximos dez anos.

Todas as pessoas entrevistadas contribuíram de alguma forma para a realização desse documentário, umas dando o histórico do bairro e outras, com a experiência de vida naquele ambiente, além da relação com a arte. O “outro olhar”, que nos comprometemos a mostrar a partir do documentário, só foi possível por causa das declarações.

As mudanças de assunto foram articuladas de maneiras diferentes, mas sempre com uma trilha compondo a cena. A primeira mudança, do histórico para a parte artística, aconteceu com uma montagem de imagens do

bairro sobre um fundo e a voz da narradora falando um trecho do texto de Lucrecia Ferrada D'Alessio, tirado do livro "Olhar Periférico". A segunda mudança ocorre a partir de um *off* ilustrado pela música "É", de Gonzaguinha. Essa trilha fica até o final do documentário.

Como nos propusemos a mostrar um outro olhar, o documentário começa com a imagem de um buraco na parede, dando a idéia de "olhar, espiar" determinado ambiente, e uma cena do grupo "Impacto Street Dance", na qual todos aparecem cantando e dançando o rap do "Rap Brasil" chamado "Eu só quero é ser feliz". Depois disso, o nome do documentário aparece na tela entre declarações de pessoas sobre o bairro. A última cena também é de um buraco na parede. A escolha das músicas foi feita a partir do perfil dos nossos entrevistados e também do bairro. Assim, o *hip-hop* foi um dos ritmos que predominou, além de músicas populares e de *pop music*, que deram um toque especial por causa de suas letras.

4. Resultados

Este trabalho mostrou que é possível um olhar diferente sobre um ambiente, a partir da fragmentação. E que esse olhar pode revelar pontos diferentes e bonitos sobre um lugar. No caso do Bosques do Lenheiro, buscou-se mostrar que além da violência e da pobreza existentes no bairro há também "belezas" escondidas, expressas, no artesanato e na dança. A importância desse documentário não está apenas em mostrar à população de Piracicaba esse novo olhar sobre o Bosques, mas aos próprios moradores do bairro. Trabalhos como este podem contribuir para a diminuição de estereótipos, ao permitir a saída do campo comum e a entrada em lugar informado.

5. Considerações Finais

O documentário *Bosques do Lenheiro - Além do estereótipo* retrata a vida em um dos bairros mais carentes de Piracicaba, cidade do interior de São Paulo, a partir da movimentação artística existente no local. O Bosques, que é visto por grande parte dos moradores desse município como lugar violento e hostil, ganha um novo olhar, a partir do documentário, que reflete sua beleza a partir da sua fragmentação e da singularização.

A realização deste documentário permitiu constatar a transformação na forma de olhar aquele bairro pela equipe que o produziu, bem como a visível valorização pelos entrevistados do espaço ocupado por aquela comunidade e até a descoberta deles mesmos enquanto sujeitos atuantes e construtores da cultura local. Nesse sentido, foi possível ao grupo perceber e experimentar na prática a importância de realizar um trabalho jornalístico de forma responsável, respeitando as vozes dos entrevistados sobre sua própria realidade.

Referências Bibliográficas

COMPARATO, Doc. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo**. Trad. Angélica Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio Ferrara. **Olhar periférico: Informação, linguagem, percepção ambiental**. 2ª ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

GRECO, Milton. **Ciência para servir à vida ou vida para servir à ciência**. In: Caminhos do Saber Plural; dez anos de trajetória. Org. MEDINA, Cremilda e GRECO, Milton. São Paulo: ECA/USP, 1999.

HOWARD, David & MABLEY, Edward. **Teoria e prática do Roteiro**. São Paulo: Globo, 2002.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho, televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.